



ANTEPROJECTO DE BASES  
DA ORTOGRAFIA UNIFICADA DA LÍNGUA PORTUGUESA  
(1988)

BASE I

Do alfabeto e dos nomes próprios estrangeiros e seus derivados

1.º O alfabeto da língua portuguesa é formado por vinte e seis letras, cada uma delas com uma forma minúscula e outra maiúscula:

a	A	(á)	j	J	(jota)	s	S	(esse)
b	B	(bé)	k	K	(capa)	t	T	(tê)
c	C	(cê)	l	L	(ele)	u	U	(u)
d	D	(dê)	m	M	(eme)	v	V	(vê)
e	E	(é)	n	N	(ene)	w	W	(duplo vê)
f	F	(efe)	o	O	(ó)	x	X	(xis)
g	G	(gê ou guê)	p	P	(pê)	y	Y	(ípsilon)
h	H	(agá)	q	Q	(quê)	z	Z	(zê)
i	I	(i)	r	R	(erre)			

*Obs.:* Com algumas destas letras formam-se as seguintes combinações gráficas: *ç* (cê cedilhado), *rr* (erre duplo), *ss* (esse duplo), *ch* (cê-agá), *lh* (ele-agá), *nh* (ene-agá), *gu* (guê-u) e *qu* (quê-u).

2.º As letras k, w e y usam-se nos seguintes casos especiais:

- Em antropónimos estrangeiros e seus derivados: *Franklin*, *frankliniano*; *Kant*, *kantismo*; *Darwin*, *darwinismo*; *Wagner*, *wagneriano*; *Byron*, *byroniano*; *Taylor*, *taylorista*;
- Em topónimos estrangeiros e seus derivados: *Kwanza*, *Kweit*, *kweitiano*; *Malawi*, *malawiano*;
- Em siglas, símbolos e mesmo em palavras adotadas como unidades de medida de curso internacional: *TWA*, *KLM*; *K-potássio* (de *kalium*), *W-oeste* (*West*); *kg-quilograma*, *km-quilómetro*, *kW-kilowatt*, *yd-jarda* (*yard*); *Watt*.

3.º) Em congruência com o número anterior, as letras *k*, *w* e *y* mantêm-se nos vocábulos derivados eruditamente de nomes próprios estrangeiros, não tolerando substituição quaisquer combinações gráficas ou sinais diacríticos não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: *comtista*, de *Comte*; *garrettiano*, de *Garrett*; *jeffersónia*, de *Jefferson*; *mülleriano*, de *Müller*, *shakesperiano*, de *Shakespeare*.

Os vocabulários autorizados registarão grafias alternativas admissíveis, em casos de divulgação de certas palavras de tal tipo de origem (a exemplo de *fúcsia* / *fúchsia* e derivados, *buganvília* / *buganvilea* / *bougainvillea*).

4.º) Os digramas finais de origem hebraica *ch*, *ph* e *th* conservam-se íntegros, em formas onomásticas da tradição bíblica, quando soam (*ch=c*, *ph=f*, *th=t*) e o uso não aconselha a sua substituição: *Baruch*, *Loth*, *Moloch*, *Ziph*. Se, porém, qualquer destes digramas, em formas do mesmo tipo, é invariavelmente mudo, elimina-se: *José*, *Nazaré*, em vez de *Joseph*, *Nazareth*; e se algum deles, por força do uso, permite adaptação, substitui-se, recebendo uma adição vocálica: *Judite*, em vez de *Judith*.

5.º) As consoantes finais *b*, *c*, *d*, *g* e *t* mantêm-se, quer sejam mudas, quer proferidas, nas formas onomásticas em que o uso as consagrou, nomeadamente antropónimos e topónimos da tradição bíblica: *Jacob*, *Job*, *Moab*, *Isaac*; *David*, *Gad*; *Gog*, *Magog*, *Bensabat*, *Josafat*.

Integram-se também nesta forma: o antropónimo *Cid*, em que o *d* é sempre pronunciado; os topónimos *Madrid* e *Valhadolid*, em que o *d* ora é pronunciado, ora não; e o topónimo *Calecut* ou *Calicut*, em que o *t* se encontra nas mesmas condições.

Nada impede, entretanto, que dos antropónimos em apreço sejam usados sem a consoante final *Jó*, *Davi* e *Jacó*.

6.º) Recomenda-se que os topónimos de línguas estrangeiras se substituam, tanto quanto possível, por formas vernáculas, quando estas sejam antigas e ainda vivas em português ou quando entrem, ou possam entrar, no uso corrente. Exemplo: *Anvers*, substituído por *Antuérpia*; *Cherbourg*, por *Cherburgo*; *Garonne*, por *Garona*; *Genève*, por *Genebra*; *Jutland*, por *Jutlândia*; *Milano*, por *Milão*; *München*, por *Munique*, *Torino*, por *Turin*; *Zürich*, por *Zurique*, etc.

## BASE II

### Do h inicial e final

1.º) O *h* inicial emprega-se:

- a) Por força da etimologia: *haver*, *hélice*, *hera*, *hoje*, *hora*, *homem*;
- b) Em virtude de tradição gráfica muito longa, com origem no próprio latim e com paralelo em línguas modernas, especialmente românicas: *humor*;
- c) Em virtude de adoção convencional: *hã?*, *hem?*, *hum!*.

2.º) O *h* inicial suprime-se:

a) Quando, apesar da etimologia, a sua supressão está inteiramente consagrada pelo uso: *erva* em vez de *herva*; e, portanto, *ervaçal*, *ervanário*, *ervoso* (em contraste com *herbáceo*, *herbanário*, *herboso*, formas de origem erudita);

b) Quando, por via de composição, passa a interior e o elemento em que figura se aglutina ao precedente: *anarmónico*, *biebdomadário*, *desarmonia*, *desumano*, *exaurir*, *inábil*, *lobisomem*, *reabilitar*, *reaver*;

c) Nas formas provenientes do verbo *haver* que entram, com pronomes intercalados, em conjugações de futuro e de condicional: *amá-lo-ei*, *amá-lo-ia*, *dir-se-á*, *dir-se-ia*, *falar-nos-emos*, *falar-nos-íamos*, *juntar-se-thes-ão*, *juntar-se-the-iam*.

3.º) O *h* inicial mantém-se, no entanto, quando, numa palavra composta, pertence a um elemento que está ligado ao anterior por meio de hífen: *anti-higiénico*, *contra-haste*, *pré-história*, *sobre-humano*.

4.º) O *h* final emprega-se em interjeições: *ah!* *oh!*

### BASE III

#### Da homofonia de certas consoantes

Dada a homofonia existente entre certas consoantes, torna-se necessário diferenciar os seus empregos gráficos, que fundamentalmente se regulam pela etimologia e pela história das palavras. É certo que a variedade das condições em que se fixam na escrita as consoantes homófonas nem sempre permite fácil diferenciação dos casos em que se deve empregar uma consoante e daqueles em que, diversamente, se deve empregar outra, ou outras, do mesmo som; mas é indispensável, apesar disso, ter presente a noção teórica dos vários tipos de consoantes homófonas e fixar praticamente, até onde for possível, os seus usos gráficos, que nos casos especiais ou difíceis a prática do idioma e a consulta do vocabulário ou do dicionário irão ensinando.

Nesta conformidade, importa, notar, principalmente, os seguintes casos:

1.º) Distinção entre *ch* e *x*: *achar*, *archote*, *bucha*, *capacho*, *capucho*, *chamar*, *chave*, *Chico*, *chiste*, *chorar*, *colchão*, *colchete*, *endecha*, *estrebucha*, *facho*, *ficha*, *flecha*, *frincha*, *gancho*, *inchar*, *macho*, *mancha*, *murchar*, *nicho*, *pachorra*, *pecha*, *pechincha*, *penacho*, *rachar*, *sachar*, *tacho*; *ameixa*, *anexim*, *baixel*, *baixo*, *bexiga*, *bruxa*, *coaxar*, *coxia*, *debuxo*, *deixar*, *eixo*, *elixir*, *enxofre*, *faixa*, *feixe*, *madeira*, *mexer*, *oxalá*, *praxe*, *puxar*, *rouxinol*, *vexar*, *xadrez*, *xarope*, *xenofobia*, *xerife*, *xicara*.

2.º) Distinção entre *g* palatal e *j*: *adágio*, *alfageme*, *Algebra*, *algema*, *algeroz*, *Algés*, *algibebe*, *algibeira*, *álgido*, *almargem*, *Alvorge*, *Argel*, *estrangeiro*, *falange*, *ferrugem*, *frigir*, *gelosia*, *gengiva*, *gergelim*, *geringonça*, *Gibraltar*, *ginete*, *ginja*, *girafa*, *gíria*, *herege*, *relógio*, *sege*, *Tânger*, *virgem*; adjetivo, *ajeitar*, *ajeru* (nome de planta indiana e de uma espécie de papagaio), *canjeré*, *canjica*, *enjeitar*, *granjejar*, *hoje*, *intrujice*, *jecoral*, *jejum*, *jeira*, *jeito*, *Jeová*, *jenipapo*, *jequiri*, *jequitibá*, *Jeremias*, *Jericó*, *jerimum*, *Jerónimo*, *Jesus*, *jibóia*, *jiquipanga*, *jiquiró*, *jiquitáia*, *jurau*, *jiriti*, *jitrana*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjerico*, *manjerona*, *mucujê*, *pajê*, *pegajento*, *rejeitar*, *sujeito*, *trejeito*.

3.º) Distinção entre as sibilantes surdas *s*, *ss*, *c*, *ç* e *x*: *ânsia*, *ascensão*, *aspersão*, *cansar*, *conversão*, *esconso*, *farsa*, *ganso*, *imenso*, *mansão*, *mansarda*, *manso*, *pretensão*, *remanso*, *seara*, *seda*, *Seia*, *Sertã*, *Sernancelhe*, *serralheiro*, *Singapura*, *Sintra*, *sisa*, *tarso*, *terso*, *valsa*; *abadessa*, *acossar*, *amassar*, *arremessar*, *Asseiceira*, *asseio*, *atravessar*, *benesse Cassilda*, *codesso* (identicamente *Codessal* ou *Codassal*, *Codessede*, *Codessoso*, etc.), *crasso*, *devassar*, *dossel*, *egresso*, *endossar*, *escasso*, *fosso*, *molosso*, *mossa*, *obsessão*, *pêssego*, *possesso*, *remessa*, *sossegar*; *acém*, *acervo*, *alicerce*, *cebola*, *cereal*, *Cernache*, *cetim*, *Cinfrães*, *Escócia*, *Macedo*, *obcecar*, *percevejo*; *açafate*, *caçula*, *caraça*, *dançar*, *Eça*, *enguicho*, *Gonçalves*, *inserção*, *linguiça*, *maçada*, *Mação*, *maçar*, *Moçambique*, *Monção*, *muçulmano*, *murça*, *negaça*, *pança*, *peça*, *quiçaba*, *quiçaça*, *quiçama*, *quiçamba*, *Seiça* (grafia que pretere as erróneas *Ceiça* e *Ceissa*), *Selçal*, *Suiça*, *terço*; *auxílio*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*.

4.º) Distinção entre *s* de fim de sílaba (inicial ou interior) e *x* e *z* idênticos: *adestrar*, *Calisto*, *escusar*, *esdrúxulo*, *esgotar*, *esplanada*, *esplêndido*, *espontâneo*, *espremer*, *esquisito*, *estender*, *Estremadura*, *Estremoz*, *inesgotável*; *extensão*, *explicar*, *extraordinário*, *inextricável*, *inexperto*, *sextante*, *iêxtil*; *capazmente*, *infelizmente*, *velozmente*. De acordo com esta distinção convém notar dois casos:

a) Em final de sílaba que não seja final de palavra, o *x* = *s* muda para *s* sempre que está precedido de *i* ou *u*: *juxtapor*, *juxtalinear*, *misto*, *sistino* (cf. *Capela Sistina*), *Sisto*, em vez de *juxtapor*, *juxtalinear*, *mixto*, *sixtina*, *Sixto*.

b) Só nos advérbios em *-mente* se admite *z* = *s* em final de sílaba seguida de outra (cf. *capazmente*, etc.); de contrário, o *s* toma sempre o lugar do *z*: *Biscaia*, e não *Bizcaia*.

5.º) Distinção entre *s* final de palavra e *x* e *z* idênticos: *aguarrás*, *aliás*, *anis*, *após*, *atrás*, *através*, *Avis*, *Brás*, *Dinis*, *Garcês*, *gás*, *Gerês*, *Inês*, *iris*, *Jesus*, *jus*, *lápis*, *Luis*, *país*, *português*, *Queirós*, *quis*, *retrós*, *revés*, *Tomás*, *Valdês*; *cálix*, *Félix*, *Fénix*, *flux*; *assaz*, *arroz*, *avestruz*, *dez*, *diz*, *fez* (substantivo e forma do verbo *fazer*), *fiz*, *Forjaz*, *Galaz*, *giz*, *jaz*, *matiz*, *petiz*, *Queluz*, *Ramirez*, [*Arcos de*] *Valdevez*, *Vaz*. A propósito, deve observar-se que é inadmissível *z* final equivalente a *s* em palavra não oxitona: *Cádis*, e não *Cádiz*.

6.º) Distinção entre as sibilantes sonoras interiores *s*, *x* e *z*: *aceso*, *analisar*, *anestesia*, *artesaão*, *asa*, *asilo*, *Baltasar*, *besouro*, *besuntar*, *blusa*, *brasa*, *brasão*, *Brasil*, *brisa*, [*Marco de*] *Canaveses*, *coliseu*, *defesa*, *duquesa*, *Elisa*, *empresa*, *Ermesinde*, *Esposende*, *frenesi* ou *frenesim*, *frisar*, *guisa*, *improviso*, *jusante*, *liso*, *lousa*, *Lousã*, *Luso* (nome de lugar, homónimo de *Luso*, nome mitológico), *Matosinhos*, *Meneses*, *narciso*, *Nisa*, *obséquio*, *ousar*, *pesquisa*, *portuguesa*, *presa*, *raso*, *represa*, *Resende*, *sacerdotisa*, *Sesimbra*, *Sousa*, *surpresa*, *tisana*, *transe*, *trânsito*, *vaso*; *exalar*, *exemplo*, *exibir*, *exorbitar*, *exuberante*, *inexato*, *inexorável*; *abalizado*, *alfazema*, *Arcozelo*, *autorizar*, *azar*, *azedo*, *azo*, *azorrague*, *baliza*, *bazar*, *beleza*, *buzina*, *búzio*, *comezinho*, *deslizar*, *deslize*, *Ezequiel*, *fuzileiro*, *guizo*, *helenizar*, *lambuzar*, *leziria*, *Mouzinho*, *proeza*, *sazão*, *urze*, *vazar*, *Veneza*, *Vizela*, *Vouzela*.

#### BASE IV

##### Das seqüências consonânticas

1.º) O *c* gutural das seqüências interiores *cc* (segundo *c* sibilante), *cç* e *ct*, e o *p* das seqüências interiores *pc* (*c* sibilante), *pç* e *pt*, ora se conservam, ora se eliminam.

Assim:

a) Conservam-se nos casos em que são invariavelmente proferidos nas pronúncias cultas da língua: *compacto*, *convicção*, *convicto*, *ficção*, *friccionar*, *pacto*, *pictural*; *adepito*, *apto*, *díptico*, *erupção*, *eucalipto*, *inepto*, *núpcias*, *rapto*.

b) Eliminam-se nos casos em que são invariavelmente mudos nas pronúncias cultas da língua: *ação*, *acionar*, *afetivo*, *aflição*, *aflito*, *ato*, *coleção*, *coletivo*, *direção*, *diretor*, *exato*, *objeção*, *adoção*, *adotar*, *batizar*, *Egito*, *ótimo*.

c) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando só se proferem numa pronúncia culta, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento: *aspecto* e *aspeto*, *cacto* e *cato*, *caracteres* e *carateres*, *dição* e *dição*; *facto* e *fato*, *sector* e *setor*; *ceptro* e *cetno*, *concepção* e *conceção*, *corrupto* e *corruto*, *recepção* e *receção*.

d) Quando, nas seqüências interiores *mpc*, *mpç* e *mpt* se eliminar o *p* de acordo com o determinado nos parágrafos precedentes, o *m* passa a *n*, escrevendo-se, respectivamente *nc*, *nç* e *nt*: *assumpcionista* e *assuncionista*; *assumpção* e *assunção*; *assumptível* e *assuntível*; *peremptório* e *perentório*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *sumptuosidade* e *suntuosidade*.

2.º) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando só se proferem numa pronúncia culta, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento: o *b* da seqüência *bd*, em *súbdito*; o *b* da seqüência *bt*, em *subtil* e seus derivados; o *g* da seqüência *gd*, em *amigdala*, *amigdalácea*, *amigdalal*, *amigdalato*, *amigdalite*, *amigdalóide*, *amigdalopatia*, *amigdalotomia*; o *m* da seqüência *mn*, em *amnístia*, *amnístiar*, *indemne*, *indemnidade*, *indemnizar*, *omnimodo*, *omnipotente*, *omnisciente*, etc.; o *t*, da seqüência *tm*, em *aritmética* e *aritmético*.

#### BASE V

##### Das vogals átonas

1.º) O emprego do *e* e do *i*, assim como o do *o* e do *u*, em sílaba átona, regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias:

a) Com *e* e *i*: *ameaça*, *amealhar*, *antecipar*, *arrepisar*, *banear*, *boreal*, *campeão*, *cardeal* (prelado, ave planta; diferente de *cardial* = «relativo à cátedra»), *Ceará*, *côdea*, *enseada*, *enteado*, *Floreal*, *janeanes*, *lêndea*, *Leonardo*, *Leonel*, *Leonor*, *Leopardo*, *Leote*, *linear*, *meão*, *melhor*, *nomear*, *peanha*, *quase* (em vez de *quásti*), *real*, *semear*, *semelhante*, *várzea*; *ameixial*, *Ameixeira*, *amial*, *amieiro*, *arriero*, *artilharia*, *capitânia*, *cordial* (adjectivo e substantivo), *corriola*, *crânio*, *criar*,

*diante, diminuir, Dinis, ferregial, Filinto, Filipe* (e identicamente *Filipa, Filipinas, ect.*), *freixial, giesta. Idanha, igual, imiscuir-se, inigualável, lampião, limiar, Lumiar, lumieiro, pátio, pior, tigela, tijolo, Vimieiro, Vimioso;*

b) Com *o* e *u*: *abolir, Alpendorada, assolar, borboleta, cobiça, consoada, consoar, costume, disculo, êmbolo, engolir, epistola, esbaforir-se, esboroar, farândola, goela, jocoso, mágoa, névoa, nódoa, óbolo, Páscoa, Pascoal, Pascoela, polir, Rodolfo, távoa, tavoada, tábola, tómbola, veio* (substantivo e forma do verbo *vir*); *açular, água, aluvião, arcuense, assumir, bulir camândulas, curtir, curtume, embutir, entupir, fémur, fiscula, glândula, insua, jucundo, légua, Luanda, lucubração, lugar, mangual, Manuel, míngua, Nicarágua, pontual, régua, tábua, tabuada, tableta, trégua, virtualha.*

2.º) Sendo muito variadas as condições etimológicas e fonético-históricas em que se fixam graficamente *e* e *i* ou *o* e *u* em sílaba átona, é evidente que só a consulta dos vocabulários ou dicionários pode indicar, muitas vezes, se deve empregar-se *e* ou *i*, se *o* ou *u*. Há, todavia, alguns casos em que o uso dessas vogais pode ser facilmente sistematizado. Convém fixar os seguintes:

a) Escrevem-se com *e*, e não com *i*, antes da sílaba tónica, os substantivos e adjetivos que procedem de substantivos terminados em *eio* e *eia*, ou com eles estão em relação direta. Assim se regula: *aldeão, aldeola, aldeota* por *aldeia*; *areal, areeiro, areento, Areosa* por *areia*; *aveal* por *aveia*; *baleal* por *baleia*; *cadeado* por *cadeia*; *candeeiro* por *candeia*; *centeeira* e *centeeiro* por *centeio*; *colmeal* e *colmeiro* por *colmeia*; *correada* e *correame* por *correia*.

b) Escrevem-se igualmente com *e*, antes de vogal ou ditongo da sílaba tónica, os derivados de palavras que terminam em *e* acentuado (o qual pode representar um antigo hiato: *ea, ee*): *galeão, galeota, galeote*, de *galé*; *guineense*, de *Guiné*; *poleame* e *poleeiro*, de *polé*.

c) Escrevem-se com *i*, e não com *e*, antes da sílaba tónica, os adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos mistos de formação vernácula *iano* e *iense*, os quais são o resultado da combinação dos sufixos *ano* e *ense* com um *i* de origem analógica (baseado em palavras onde *-ano* e *-ense* estão precedidos de *i* pertencente ao tema: *horaciano, italiano, duriense, flaviense, etc.*): *açoriano, acriano* (de *Acre*), *cabo-verdiano, camoniano, goisiano* (relativo a *Damião de Góis*), *siniense* (de *Sines*), *sofoctiano, torriano, torriense* (de *Torre(s)*).

d) Uniformizam-se com as terminações *-io* e *-ia* (átonas), em vez de *-eo* e *-ea*, os substantivos que constituem variações, obtidas por ampliação, de outros substantivos terminados em vogal; *cúmio* (popular), de *cume*; *hástia*, de *haster*; *restia*, do antigo *reste*, *véstia*, de *veste*.

e) Os verbos em *-ear* podem distinguir-se praticamente, grande número de vezes, dos verbos em *-iar*, quer pela formação, quer pela conjugação e formação ao mesmo tempo. Estão no primeiro caso todos os verbos que se prendem a substantivos em *-eio* ou *-eia* (sejam formados em português ou venham já do latim); assim se regulam; *aldear*, por *aldeia*; *alhear*, por *alheio*; *cear*, por *ceia*; *encadear*, por *cadeia*; *pear*, por *peia*; etc. Estão no segundo caso todos os verbos que têm normalmente flexões rizotónicas em *-eio*, *-eias*, etc., desde que não se liguem a substantivos com as terminações átonas *-ia* ou *-io* (como *ansiar* ou

*odiar*); *clarear*, *delinear*, *devanear*, *falsear*, *granjear*, *guerrear*, *hastear*, *nomear*, *semear*, etc.

f) Não é lícito o emprego do *u* final átono em palavras de origem latina. Escreve-se, por isso: *moto*, em vez de *mótu* (por exemplo, na expressão *de moto próprio*); *tribo*, em vez de *tribu*.

g) Os verbos em *-oar* distinguem-se praticamente dos verbos em *-uar* pela sua conjugação nas formas rizotónicas, que têm sempre *o* na sílaba acentuada: *abençoar* com *o*, como *abenção*, *abenções*, etc.; *destoar*, com *o*, como *destoo*, *destoas*, etc.

## BASE VI

### Das vogais nasais

Na representação das vogais nasais devem observar-se, além de outros suficientemente conhecidos, os seguintes preceitos:

1.º) Quando uma vogal nasal ocorre em fim de palavra, ou em fim de elemento seguido de hífen, representa-se a nasalidade pelo til, se essa vogal é de timbre *a*; por *m*, se possui qualquer outro timbre e termina a palavra; e por *n*, se é de timbre diverso de *a* e está seguida de *s*: *afã*, *grã*, *Grã-Bretanha*, *lã*, *órfã*, *sã-braseiro* (forma dialetal; o mesmo que *são-brasense* = de S. Brás de Alportel); *clarim*, *tom*, *vacum*; *flautins*, *semitons*, *zunzuns*.

2.º) Os vocábulos terminados em *ã* transmitem esta representação do *a* nasal aos advérbios em *-mente* que deles se formem, assim como a derivados em que entrem sufixos precedidos do infixo *z*: *cristãmente*, *irmãmente*, *sãmente*; *lãzudo*, *maçãzita*, *manhãzinha*, *romãzeira*.

## BASE VII

### Dos ditongos

1.º) Os ditongos orais, que tanto podem ser tónicos como átonos, distribuem-se por dois grupos gráficos principais, consoante a subjuntiva soa *i* ou *u*: *ai*, *ei*, *éi* (apenas tónico), *ui*; *au*, *eu*, *éu* (apenas tónico), *iu*, *ou* (ditongo antigo e ainda dialetal, nívelado na pronúncia normal como fechado): *braçais*, *caixote*, *deveis*, *eirado*, *farnéis* (mas *forneizinhos*), *goivo*, *goivar*, *lençóis* (mas *lençoizinhos*), *tafuis*, *uivar*; *cacau*, *cacaueiro*, *deu*, *endeusar*, *ilhéu* (mas *ilheuzito*), *mediu*, *passou*, *regougar*.

Admitem-se, todavia, excepcionalmente, à parte destes dois grupos, os ditongos *ae* (= *âi* ou *ai*) e *ao* (= *âu* ou *au*): o primeiro, representado nos antropónimos *Caetano* e *Caetana*, assim como nos respetivos derivados e compostos (*caetaniha*, *são-caetano*, etc.); o segundo representado nas combinações da preposição *a* com as formas masculinas do artigo ou pronome demonstrativo *o*, ou seja, *ao* e *aos*.

2.º) Cumpre fixar, a propósito dos ditongos orais, os seguintes preceitos particulares:

a) É o ditongo *ui*, e não a sequência vocálica *ue*, que se emprega nas formas de 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo e igualmente na da 2.ª pessoa do singular do imperativo dos verbos em *-uir*: *constituís, influí, retribuí*. Harmonizam-se, portanto, essas formas com todos os casos de ditongo *ui* de sílaba final ou fim de palavra (*azuis, fui, Guardafui, Rui*, etc.); e ficam assim em paralelo gráfico-fonético com as formas de 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo e de 2.ª pessoa do singular do imperativo dos verbos em *-air* e em *-oer*: *atrais, cai, sai; móis, remói, sói*.

b) É um ditongo *ui* que representa sempre, em palavra de origem latina, a união de um *u* a um *i* átono seguinte. Não divergem, portanto, formas como *fluido* de formas como *gratuito*. E isso não impede que nos derivados de formas daquele tipo as vogais *u* e *i* se separem: *fluidico, fluidez (u-i)*.

c) Além dos ditongos orais propriamente ditos, os quais são todos decrescentes, admite-se, como é sabido, a existência de ditongos crescentes. Podem considerar-se no número deles os encontros vocálicos pós-tônicos, tais os que se representam graficamente por *ea, eo, ia, ie, io, oa, ua, ue, uo*: *áurea, colónia, espécie, exímio, mágoa, mingua, ténue, tríduo*.

3.º) Os ditongos nasais, que na sua maioria tanto podem ser tónicos como átonos, pertencem graficamente a dois tipos fundamentais: ditongos constituídos por vogal com til e subjuntiva vocálica; ditongos constituídos por vogal e consoante nasal, tendo esta o valor de ressonância. Eis a indicação de uns e outros:

a) Os ditongos constituídos por vogal com til e subjuntiva vocálica são quatro, considerando-se apenas a linguagem normal contemporânea: *ãe* (usado em vocábulos oxítonos e derivados), *ãí* (usado em vocábulos anoxítonos derivados), *ão*, e *õe*. Exemplos: *cães, Guimarães, mãe, mãezinha; cãibas, cãibeiro, cãibra, zãibo; mão, mãozinha, não, quão*, (não *quam*), *sótão, sótãozinho, tão* (não *tam*); *Camões, orações, oraçõeszinhas, põe, repões*. Ao lado de tais ditongos pode, por exemplo, colocar-se o ditongo *ũi*; mas este, embora se exemplifique numa forma popular como *rũi = ruim*, representa-se sem o til nas formas *muito* e *mui*, por obediência à tradição.

b) Os ditongos constituídos por vogal e consoante nasal equivalente a ressonância são dois: *am* e *em*. Divergem, porém, nos seus empregos:

i) *am* (sempre átono) só se emprega em flexões verbais, onde nunca é lícito substituí-lo por *ão*: *amam, deviam, escreveram, puseram*;

ii) *em* (tónico ou átono e nivelado por vezes com *e* nasalado) emprega-se em palavras de categorias morfológicas diversas, incluindo flexões verbais, e pode apresentar variantes gráficas, determinadas pela posição, pela acentuação ou simultaneamente pela posição e pela acentuação: *bem, Bembom* (topónimo), *Bemposta, cem, devem, nem, quem, sem, tem, virgem; Bencanta, Benfeito, Benfica, benquistos, bens, enfim, enquanto, homenzarrão, homenzinho, nuvenzinha, tens, virgens, amém* (variação de *ámen*), *armazém, convém, mantém, ninguém, porém, Santarém, também; convêm, mantêm, têm* (3.ª pessoas do plural); *armazéns, desdéns, convéns, reténs; Belenzada, vintenzinho*.



## BASE VIII

### Da acentuação gráfica das palavras oxítonas (ou agudas)

1.º) Acentuam-se com acento agudo:

a) As palavras oxítonas terminadas nas vogais tônicas abertas *-a*, *-e* ou *-o*, seguidas ou não de *-s*: *está*, *estás*, *já*, *olá*; *até*, *é*, *és*, *olê*, *pontapé(s)*; *avó(s)*, *dominó(s)*; *paletó(s)*, *só(s)*.

*Obs.:* Em algumas (poucas) palavras oxítonas terminadas em *-e* tônico, geralmente provenientes do francês, esta vogal, por ser articulada nas pronúncias cultas, ora como aberta ora como fechada, admite tanto o acento agudo como o acento circunflexo: *bebê* ou *bebê*, *bidê* ou *bidê*, *canapé* ou *canapé*, *caratê* ou *caratê*, *crochê* ou *crochê*, *guichê* ou *guichê*, *matiné* ou *manité*, *nenê* ou *nenê*, *ponjê* ou *ponjê*, *purê* ou *purê*, *rapê* ou *rapê*.

O mesmo se verifica com formas como *cocó* e *cocô*, *ró* (letra do alfabeto grego) e *rô*. São igualmente admitidas formas como *judô*, a par de *judo*, e *metrô*, a par de *metro*.

b) As formas verbais oxítonas, quando, conjugadas com os pronomes enclíticos ou mesoclíticos *lo(s)* ou *la(s)*, ficam a terminar na vogal tônica aberta *-a*, após a assimilação e perda das consoantes finais *-r*, *-s* ou *-z*: *adorá-lo(s)* (de *adorar-lo(s)*), *dá-las* (de *dar-la(s)* ou *dá(s)-las(s)*), *fá-lo(s)* (de *faz-lo(s)*), *fá-lo(s)-ás* (de *far-lo(s)-ás*), *habitá-la(s)-iam* (de *habitar-la(s)-iam*), *trá-la(s)-á* (de *trair-la(s)-á*);

c) As palavras oxítonas com mais de uma sílaba terminadas no ditongo nasal *-em* (exceto as formas da 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos compostos de *ter* e *vir*: *retêm*, *sustêm*; *advêm*, *provêm*; etc.) ou *-ens*: *acém*, *detém*, *deténs*, *entretém*, *entreténs*, *harém*, *haréns*, *porém*, *provém*, *provéns*, *também*;

d) As palavras oxítonas com os ditongos abertos *-êi*, *-êu* ou *-ói* podendo estes dois últimos ser seguidos ou não de *-s*: *anéis*, *batéis*, *fiéis*, *papéis*; *cêu(s)*, *chapêu(s)*, *ilhêu(s)*, *vêu(s)*; *corrói* (de *corroer*), *herói(s)*, *remói* (de *remoer*), *sóis*.

2.º) Acentuam-se com acento circunflexo:

a) As palavras oxítonas terminadas nas vogais tônicas fechadas *-e* ou *-o*, seguidas ou não de *-s*: *cortês*, *dê*, *dês* (de *dar*), *lê*, *lês* (de *ler*), *português*, *você(s)*; *avô(s)*, *pôs* (de *por*), *robô(s)*;

b) As formas verbais oxítonas, quando, conjugadas com os pronomes enclíticos ou mesoclíticos *-lo(s)* ou *-la(s)*, ficam a terminar nas vogais tônicas fechadas *-e* ou *-o*, após a assimilação e perda das consoantes finais *-r*, *-s* ou *-z*: *detê-lo(s)* (de *deter-lo(s)*), *fazê-la(s)* (de *fazer-la(s)*), *fê-lo(s)* (de *fez-lo(s)*), *vê-la(s)* (de *ver-la(s)*), *compô-la(s)* (de *compor-la(s)*), *repô-la(s)* (de *repor-la(s)*), *pô-la(s)* (de *por-la(s)* ou *pôr-la(s)*).

3.º) Prescinde-se de acento gráfico para distinguir palavras oxítonas homógrafas, mas heterofônicas, do tipo de *cor* (*ó*), substantivo, e *cor* (*ó*), elemento da locação *de cor*; *colher* (*ê*), verbo, e *colher* (*ê*), substantivo; *por* (*ó*), verba, e *por*, preposição; etc.

## BASE IX

### Da acentuação gráfica das palavras paroxítonas (ou graves)

1.º) As palavras paroxítonas não são em geral acentuadas graficamente: *enjoio, grave, homem, mesa, Tejo, vejo, velho, voo; avanço, floresta; abençoado, angolano, brasileiro; descobrimento, graficamente, moçambicano.*

2.º) Recebem, no entanto, acento agudo:

a) As palavras paroxítonas que apresentam vogal aberta, *a, e, o*, e ainda *i* ou *u* na sílaba tónica e terminam em *-l, -n, -r, -x* e *-ps*, assim como, salvo raras exceções, as respetivas formas do plural, algumas das quais passam a proparoxítonas (ou esdrúxulas): *amável* (pl. *amáveis*), *Aníbal*, *dócil* (pl. *dóceis*), *dúctil* (pl. *dúcteis*), *fóssil* (pl. *fósseis*), *réptil* (pl. *répteis*); *cármem, dólmén* (pl. *dólmenes*), *éden* (pl. *édens* ou *édenes*), *líquen* (pl. *liquenes*), *lúmen* (pl. *lúmenes* ou *lúmenes*); *açúcar* (pl. *açúcares*), *almíscar* (pl. *almíscares*), *cadáver* (pl. *cadáveres*), *carácter* (mas pl. *carateres* ou *caracteres*), *ímpar* (pl. *ímpares*); *Ájax* (var. *Ajax*), *córtex* (var. *córtice*, pl. *córtices*), *índex* (var. *índice*, pl. *índices*), *tórax* (pl. *tóraxes*); *bíceps* (var. *bicipite*), *fórceps* (var. *fórcipe*).

Obs.: Algumas (pouquíssimas) palavras deste tipo, com as vogais tónicas *e* e *o* em fim de sílaba, seguidas das consoantes nasais *m* e *n*, apresentam oscilação de timbre nas pronúncias cultas da língua e, por conseguinte, também de acento gráfico (agudo ou circunflexo): *sémen* e *sêmen*, *xénon* e *xênon*; *fémur* e *fêmur*, *vómer* e *vômer*, *Fênix* e *Fênix*, *ónix* e *ónix*.

b) As palavras paroxítonas que apresentam na sílaba tónica vogal aberta, *a, e, o* e ainda *i* ou *u* e terminam em *-ã(s), -ão(s), -ei(s), -i(s), -um, -uns* ou *-us*: *órfã* (pl. *órfãs*), *acórdão* (pl. *acórdãos*), *órfão* (pl. *órfãos*), *órgão* (pl. *órgãos*), *sótiã* (pl. *sótias*); *hóquei*, *jóquei* (pl. *jóqueis*), *amáveis* (pl. *amáveis*), *fáceis* (pl. de *fácil*), *fósseis* (pl. de *fóssil*), *amáveis* (de *amar*), *amáveis* (id.), *cantaréis* (de *cantar*), *fizéreis* (de *fazer*), *fizésseis* (id.); *beribéri* (pl. *beribéris*), *bilis*, *iris*, *júri*, (pl. *júris*), *odásis*; *álbum* (pl. *álbuns*), *fórum* (pl. *fóruns*); *húmus*, *vírus*.

Obs.: Algumas (poucas) paroxítonas deste tipo, com as vogais tónicas *e* e *o* em fim de sílaba, seguidas das consoantes nasais *m* e *n*, apresentam oscilação de timbre nas pronúncias cultas da língua, o qual é assinalado com acento agudo, se aberto, ou circunflexo, se fechado: *pônei* e *pônei*; *gónis* e *gónis*, *pénis* e *pénis*, *ténis* e *ténis*; *bónus* e *bónus*, *ónus* e *ónus*, *tónus* e *tónus*, *Vénus* e *Vénus*.

3.º) Não se acentuam graficamente os ditongos *ei* e *oi* da sílaba tónica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação: *assembleia, boleia, ideia*, tal como *aldeia, baleia, cadeia, cheia, meia; correio, epopeico, onomatopeico, proteico; alcaioide, apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (subst.), *Azoia, boia, boina, comboio* (subst.), tal como *comboio, comboias*, etc (do verbo *comboiar*), *dezoito, estroino, heroico, introito, jiboia, moína, parañoico, zoína*.

4.º) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, do tipo *amámos, louvámos*, e ainda *démos*, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo, ou do conjuntivo.

no terceiro caso (*amamos ,louvamos, demos*), já que o timbre da vogal tónica é aberto naquele primeiro caso em certas variantes do português.

5.º) Recebem acento circunflexo:

a) As palavras paroxítonas que contêm vogal fechada *a, e, o* na sílaba tónica e terminam em *-l, -n, -r* ou *-x*, assim como as respectivas formas do plural, algumas das quais se tornam proparoxítonas: *cônsul* (pl. *cônsules*), *pênsil* (pl. *pênséis*), *têxtil* (pl. *têxteis*); *cânon* (var. *cânone*, pl. *cânones*), *plâncton*; *Almodôvar*, *aljôfar* (pl. *aljôfares*), *âmbar* (pl. *âmbares*), *Câncer*, *Tânger*, *bômbax*, *bômbix* (var. *bômbice*, pl. *bômbices*).

b) As palavras paroxítonas que contêm vogal fechada *a, e, o* na sílaba tónica e terminam em *-ão(s), -eis, -i(s)* ou *-us*: *bênção(s)*, *côvão(s)*, *Estêvão*, *zângão(s)*; *devêreis* (de *dever*), *escrevêsseis* (de *escrever*), *fôreis* (de *ser* e *ir*), *fôsseis* (id.), *pênséis* (pl. de *pênsil*), *têxteis* (pl. de *têxtil*); *dândi(s)*, *Mênfis*; *ânus*.

c) As formas verbais paroxítonas que contêm um *e* tónico oral fechado em hiato com a terminação *-em* da 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do conjuntivo, conforme os casos: *crêem, dêem* (conj.), *descrêem, desdêem* (conj.), *lêem, prevêem, redêem* (conj.), *relêem, revêem, treslêem, vêem*.

d) As formas verbais *têm* e *vêm*, 3.ª pessoas do plural do presente do indicativo de *ter* e *vir*, que são foneticamente paroxítonas (respectivamente /tãjãj/, /vãjãj/ ou /têjêj/, /vêjêj/; cf. as antigas grafias *preteridas, têem, vêem*), a fim de se distinguirem de *tem* e *vem*, 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo ou 2.ª pessoas do singular do imperativo; e também as correspondentes formas compostas, tais como: *abstêm* (cf. *abstém*), *advêm* (cf. *advém*), *contêm* (cf. *contém*), *convêm* (cf. *convém*), *desconvêm* (cf. *desconvém*), *detêm* (cf. *detém*), *entretêm* (cf. *entretém*), *intervêm* (cf. *intervém*), *mantêm* (cf. *mantém*), *obtêm* (cf. *obtém*), *provêm* (cf. *provém*), *sobrevêm* (cf. *sobrevém*).

Obs.: Também neste caso são preteridas as antigas grafias *detêem, intervêem, maniêem, provêem*, etc.

6.º) Assinalam-se com acento circunflexo as seguintes formas: *pôde* (3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo), que se distingue da correspondente forma do presente do indicativo (*podê*); *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2.ª pessoa do singular do imperativo do verbo *formar*).

7.º) Prescinde-se, quer do acento agudo, quer do circunflexo, para distinguir palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tónica aberta ou fechada, são homógrafas de palavras proclíticas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (*á*), flexão de *parar*, e *para*, preposição; *pela(s)* (*é*), substantivo e flexão de *pelar*, e *pela(s)*, combinação de *per* e *la(s)*; *pelo* (*é*), flexão de *pelar*, *pelo(s)* (*é*), substantivo ou combinação de *per* e *lo(s)*; *polo(s)* (*ó*), substantivo, e *polo(s)*, combinação arcaica de *por* e *lo(s)*; etc.

8.º) Prescinde-se igualmente de acento gráfico para distinguir paroxítonas homógrafas heterofónicas do tipo de *acerto* (*é*), substantivo e *acerto* (*é*), flexão de *acertar*; *acordo* (*ó*), substantivo, e *acordo* (*ó*), flexão de *acordar*; *cerca* (*é*), substantivo, advérbio e elemento da locução prepositiva *cerca de*, e *cerca* (*é*),

flexão de *cercar*; *coro* (ó), substantivo, e *coro* (ó), flexão de *corar*; *deste* (ê), contracção da preposição *de* com o demonstrativo *este*, e *deste* (é), flexão de *dar*; *fora* (ó), flexão de *ser* e *ir*, e *fora* (ó), advérbio, interjeição e substantivo; *piloto* (ó), substantivo, e *piloto* (ó), flexão de *pilotar*, etc.

9.º) Prescinde-se igualmente do acento circunflexo para assinalar a vogal tónica o fechada em palavras paroxítonas como *enjoar*, substantivo e flexão de *enjoar*, *povoo*, flexão de *povoar*, *voo*, substantivo e flexão de *voar*, etc.

#### BASE X

##### Da acentuação das vogais tónicas i e u das palavras oxítonas e paroxítonas

1.º) As vogais tónicas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas acentuam-se com acento agudo quando antecedidas de uma vogal com que não formam ditongo, exceto quando seguidas de *nh*, *l*, *m*, *n*, *r* ou *z*.

a) Assim, escrevem-se com acento agudo: *adaís* (pl. de *adail*), *ai*, *atraí* (de *atrair*), *baú*, *caís* (de *caír*), *Esauí*, *jacuí*, *Luis*, *país*, etc.; *alaúde*, *amiúde*, *Araújo*, *Ataíde*, *atraíam* (de *atrair*), *atraísse* (id), *baía*, *balaústre*, *cafeína*, *ciúme*, *egoísmo*, *faisca*, *faúlha*, *graúdo*, *influíste* (de *influir*), *juízes*, *Luisa*, *miúdo*, *paraíso*, *raízes*, *recaída*, *ruína*, *saiída*, *sanduíche*, etc.

b) Escrevem-se, porém, sem acento agudo: *bainha*, *moinho*, *rainha*; *adail*, *paul*, *Raul*; *Aboim*, *Coimbra*, *ruim*; *ainda*, *constituínte*, *oriundo*, *ruíns*, *triumfo*; *atraír*, *demiurgo*, *influir*, *influirmos*; *juíz*, *raíz*; etc.

2.º) Em conformidade com a regra anterior (alínea a)) acentuam-se com acento agudo as vogais tónicas *i* e *u* das formas oxítonas terminadas em *r* dos verbos em *-air* e *-uir*, quando estas se combinam com as formas pronominais enclíticas ou mesoclíticas *-lo(s)*, *-la(s)*, que levam à assimilação e perda daquele *-r*: *atrai-lo(s)* (de *atrair-lo(s)*); *atraí-lo(s)-ia* (de *atrair-lo(s)-ia*); *possuí-la(s)* (de *possuir-la(s)*); *possuí-la(s)-ia* (de *possuir-la(s)-ia*).

3.º) Prescinde-se do acento agudo nas vogais tónicas *i* e *u* das palavras paroxítonas, quando elas estão precedidas de ditongo: *baiuca*, *boiuno*, *cauíla* (var. *cauíra*), *cheinho* (de *cheio*), *saiinha* (de *saía*).

4.º) Recebem, porém, acento agudo as vogais tónicas *i* e *u* quando, precedidas de ditongo, pertencem a palavras oxítonas e estão em posição final ou seguidas de *s*: *Piauí*, *teíú*, *teíús*, *tuiuíú*, *tuiuíús*.

Obs.: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais dispensam o acento agudo: *cauím*.

5.º) Prescinde-se do acento agudo nos ditongos tónicos *iu* e *ui*, quando precedidos de vogal: *distráiu*, *instruiu*, *pauís* (pl. de *paul*).

6.º) Prescinde-se do acento agudo na vogal tónica *u* de formas verbais paroxítonas, quando precedida de *g* ou *q* e seguida de *e*, e no ditongo tónico *ui* de formas verbais oxítonas, quando precedido de *g* ou *q*: *apazigue*, *arguem*, *averigue*, *delinquem*, *oblíque*; *arguí*, *arguíis*, *delinquíis*, *redarguí*; etc.

## BASE XI

### Da acentuação gráfica das palavras proparoxítonas (ou esdrúxulas)

#### 1.º) Acentuam-se com acento agudo:

a) As palavras proparoxítonas que apresentam na sílaba tónica vogal aberta, *i*, *u* ou ditongo oral começado por vogal aberta: *árabe*, *cáustico*, *Cleópatra*, *esquálido*, *exército*, *hidráulico*, *líquido*, *miope*, *músico*, *plástico*, *proselito*, *público*, *rústico*, *tétrico*, *último*;

b) As chamadas proparoxítonas aparentes, isto é, que apresentam na sílaba tónica vogal aberta, *i*, *u* ou ditongo oral começado por vogal aberta, a que se seguem encontros vocálicos pós-tónicos praticamente considerados como ditongos crescentes (-*ea*, -*eo*, -*ia*, -*ie*, -*io*, -*oa*, -*ua*, -*uo*, etc.): *álea*, *náusea*; *etéreo*, *níveo*; *enciclopédia*, *glória*; *barbárie*, *série*; *lírio*, *prélio*; *mágoa*, *nódoa*; *exígua*, *língua*; *exíguo*, *vácuo*.

#### 2.º) Acentuam-se com acento circunflexo:

a) As palavras proparoxítonas que apresentam na sílaba tónica vogal fechada ou ditongo com a vogal básica fechada: *anacreónico*, *cânfora*, *cômputo*, *devêramos* (de *dever*), *êmbolo*, *excêntrico*, *fossemos* (de *ser* e *ir*), *Grândola*, *hermenêutica*, *lâmpada*, *lôbrega*, *nêspera*, *plêiade*, *sófrego*, *sonâmbulo*, *trôpego*;

b) As chamadas proparoxítonas aparentes, isto é, que apresentam vogais fechadas na sílaba tónica, às quais se seguem encontros vocálicos pós-tónicos praticamente considerados como ditongos crescentes: *amêndoa*, *argênteo*, *códea*, *Islândia*, *Mântua*, *seródio*.

3.º) Acentuam-se com acento agudo ou acento circunflexo as palavras proparoxítonas, reais ou aparentes, cujas vogais tónicas *e* ou *o* estão em final de sílaba e são seguidas das consoantes nasais *m* ou *n*, conforme o seu timbre é, respetivamente, aberto ou fechado nas pronúncias cultas da língua: *académico* / *acadêmico*, *anatômico* / *anatômico*, *cénico* / *cênico*, *cômodo* / *cómodo*, *fenómeno* / *fenômeno*, *género* / *gênero*, *topónimo* / *topônimo*; *Amazónia* / *Amazônia*, *António* / *Antônio*, *blasfémia* / *blasfêmia*, *gémeo* / *gêmeo*, *génio* / *gênio*, *ténue* / *tênue*.

## BASE XII

### Do emprego do acento grave

#### 1.º) Emprega-se o acento grave:

a) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a+a*), *às* (de *a+as*);

b) Na contração da preposição *a* com os demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas* e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com os compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele(s)*, *àquela(s)*, *àquilo*; *àqueloutro(s)*, *àqueloutra(s)*;

c) Em certas contrações próprias da linguagem familiar ou popular, como acontece no caso da combinação das preposições *a* e *para* (reduzida a *pra*) com as formas do artigo ou pronome demonstrativo *o*: *ò* (de *a+o*), *òs* (de *a+os*), *prò* (de *pra+o*), *pròs* (de *pra+os*), *prà* (de *pra+a*), *pràs* (de *pra+as*).

### BASE XIII

#### Da supressão dos acentos em palavras derivadas

1.º) Nos advérbios em *-mente*, derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes são suprimidos: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *ingenuamente* (de *ingénuo*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*), *unicamente* (de *único*), etc.; *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *dinamicamente* (de *dinâmico*), *espontaneamente* (de *espontâneo*), *portuguesmente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras derivadas que contém sufixos precedidos de infixos *-z-* e cujas formas de base apresentam vogal tónica com acento agudo ou circunflexo, estes são suprimidos: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebé*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *chazeiro* (de *chá*), *heroizito* (de *herói*), *ilhezito* (de *ilhéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*), *vintenzito* (de *vintém*), etc.; *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

### BASE XIV

#### Do trema

O trema, sinal de diérese, é inteiramente suprimido em palavras portuguesas ou aportuguesadas. Nem sequer se emprega na poesia, mesmo que haja separação de duas vogais que normalmente formam ditongo: *saudade*, e não *saiüdade*, ainda que tetrassilabo; *saudar*, e não *saiüdar*, ainda que trissilabo; etc.

Em virtude desta supressão, abstrai-se de sinal especial, quer para distinguir, em sílaba átona, um *i* ou um *u* de uma vogal da sílaba anterior, quer para distinguir, também em sílaba átona, um *i* ou um *u* de um ditongo precedente, quer para distinguir, em sílaba tónica ou átona, o *u* de *gu* ou de *qu* de um *e* ou *i* seguintes: *arruinar*, *constituíria*, *depoimento*, *esmiuçar*, *faiscar*, *faulhar*, *oleicultura*, *paraibano*, *reunião*; *abaiucado*, *aiiqui*, *caiuá*, *cauixi*, *piauiense*; *aguentar*, *angui-forme*, *arguir*, *bilingue* (ou *bilingue*), *lingueta*, *linguista*, *linguístico*; *cinquenta*, *equestre*, *frequentar*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Obs.: Conserva-se, no entanto, o trema, de acordo com a Base I, 3.º, em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros: *hübneriano*, de *Hübner*; *mülleriano*, de *Müller*, etc.

## BASE XV

### Do hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares

1.º) Emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento estar reduzido: *ano-luz, arcebispo-bispo, arco-íris, decreto-lei, és-sueste, médico-cirurgião, rainha-cláudia, tenente-coronel, tio-avô, turma-piloto; alcaide-mor, amor-perfeito, guarda-noturno, mata-grossense, norte-americano, porto-alegrense, sul-africano; afro-asiático, afro-luso-brasileiro, azul-escuro, luso-brasileiro, são-tomense; primeiro-ministro, primeiro-sargento, primo-infeção, segunda-feira; conta-gotas, finca-pé, guarda-chuva, para-quedas, para-quedista.*

*Obs.:* Certos compostos, em relação aos quais se perdeu a noção de composição, grafam-se aglutinadamente: *girassol, madressilva, pontapé, etc.*

2.º) Emprega-se o hífen nos topónimos compostos, iniciados pelos adjetivos *grã, grão* ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Grão-Pará; Abre-Campo; Passa-Quatro, Quebra-Costas, Quebra-Dentes, Traga-Mouros, Tinca-Fortes; Albergaria-a-Velha, Entre-os-Rios, Montemor-o-Novo, Trás-os-Montes.*

*Obs.:* Os outros topónimos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta, etc.* O topónimo *Guiné-Bissau* é, contudo, uma exceção consagrada pelo uso.

3.º) Emprega-se o hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina, couve-flor, erva-doce, feijão-verde; benção-de-deus, erva-do-chá, ervilha-de-cheiro, fava-de-santo-inácio; bem-me-quer* (nome de planta que também se dá à *margarida* e ao *malmequer*); *andorinha-grande, cobra-capelo, formiga-branca; andorinha-do-mar, cobra-d'água, lesma-de-conchinha; bem-te-vi* (nome de um pássaro).

4.º) Emprega-se o hífen nos compostos com os advérbios *bem* e *mal*, quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica e tal elemento começa por vogal ou *h*. No entanto, o advérbio *bem*, ao contrário de *mal*, pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Eis alguns exemplos das várias situações: *bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado; mal-afortunado, mal-estar, mal-humorado; bem-criado* (cf. *mal-criado*), *bem-ditoso* (cf. *malditoso*), *bem-falante* (cf. *malfalante*), *bem-mandado* (cf. *malmandado*), *bem-nascido* (cf. *malnascido*), *bem-soante* (cf. *malsoante*), *bem-visto* (cf. *malvisto*).

*Obs.:* Em muitos compostos, o advérbio *bem* aparece aglutinado com o segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte: *benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença, etc.*

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos com os elementos *além*, *aquém*, *recém* e *sem*: *além-Atlântico*, *além-mar*, *além-fronteiras*; *aquém-mar*, *aquém-Pirenéus*; *recém-casado*, *recém-nascido*; *sem-cerimônia*, *sem-número*, *sem-vergonha*.

6.º) Nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjectivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-roupa*). Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções:

- a) Substantivas: *cão de guarda*, *fim de semana*, *sala de jantar*;
- b) Adjetivas: *cor de açafão*, *cor de café com leite*, *cor de vinho*;
- c) Pronominais: *cada um*, *ele próprio*, *nós mesmos*, *quem quer que seja*;
- d) Adverbiais: *à parte* (note-se o substantivo *aparte*), *de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; note-se *demais*, advérbio, conjunção, etc.), *depois de amanhã*, *em cima*, *por isso*;
- e) Prepositivas: *abaixo de*, *acerca de*, *acima de*, *a fim de*, *a par de*, *à parte de*, *apesar de*, *aquando de*, *debaixo de*, *enquanto a*, *por baixo de*, *por cima de*, *quanto a*;
- f) Conjuncionais: *a fim de que*, *ao passo que*, *contanto que*, *logo que*, *por conseguinte*, *visto que*.

7.º) Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares (tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique*), e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de topónimos (tipo: *Áustria-Hungria*, *Alsácia-Lorena*, *Angola-Brasil*, *Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.).

## BASE XVI

### Do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação

1.º) Nas formações com prefixos (como, por exemplo: *ante*, *anti*, *circum*, *co*, *contra*, *entre*, *extra*, *hiper*, *infra*, *intra*, *pós*, *pré*, *pró*, *sobre*, *sub*, *super*, *supra*, *ultra*, etc.) e em formações por recomposição, isto é, com elementos não autónomos ou falsos prefixos, de origem grega e latina (tais como: *aero*, *agro*, *arqui*, *auto*, *bio*, *eletro*, *geo*, *hidro*, *inter*, *macro*, *maxi*, *micro*, *mini*, *multi*, *neo*, *pan*, *pluri*, *proto*, *pseudo*, *retro*, *semi*, *tele*, etc.), só se emprega o hífen nos seguintes casos:

- a) Nas formações em que o segundo elemento começa por *h*: *anti-higiénico*, *circum-hospitalar*, *co-herdeiro*, *contra-harmónico*, *extra-humano*, *pré-história*, *sub-hepático*, *super-homem*, *ultra-hiperbólico*; *arqui-hipérbole*, *eletro-higrómetro*, *geo-história*, *neo-helénico*, *pan-helenismo*, *semi-hospitalar*.



*Obs.:* Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos *des-* e *in-* e nas quais o segundo elemento perdeu o *h* inicial: *desumano*, *desumidificar*, *inábil*, *inumano*, etc.

b) Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento: *anti-ibérico*, *contra-almirante*, *infra-axilar*, *supra-auricular*; *arqui-irmandade*, *auto-observação*, *eletro-ótica*, *micro-onda*, *semi-interno*.

*Obs.:* Nas formações com o prefixo *co-*, este aglutina-se em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por *o*: *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, etc.

c) Nas formações com os prefixos *circum-* e *pan-*, quando o segundo elemento começa por vogal, *me* ou *n* (além de *h*, caso já abrangido atrás na alínea a): *circum-escolar*, *circum-murado*, *circum-navegação*; *pan-africano*, *pan-mágico*, *pan-negritude*.

d) Nas formações com os prefixos *hiper-*, *inter-*, e *super-*, quando combinados com elementos iniciados por *r*: *hiper-requintado*, *inter-resistente*, *super-revista*.

e) Nas formações com os prefixos *ex-* (com o sentido de estado anterior ou cessamento), *sota-*, *soto-*, *vice-* e *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-hospedeira*, *ex-presidente*, *ex-primeiro-ministro*, *ex-rei*; *sota-piloto*, *soto-mestre*, *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

f) Nas formações com os prefixos tónicos acentuados graficamente *pós-*, *pré-* e *pró-* quando o segundo elemento tem vida à parte (ao contrário do que aconteceu com as correspondentes formas átonas que se aglutinam com o elemento seguinte): *pós-graduação*, *pós-tónico* (mas *pospor*); *pré-escolar*, *pré-natal* (mas *prever*); *pró-africano*, *pró-europeu* (mas *promover*).

2.º) Não se emprega, pois, o hífen:

a) Nas formações em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*, devendo antes estas consoantes duplicar-se, prática aliás já generalizada em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico. Assim: *antirreligioso*, *antissemita*, *contrarregra*, *contrassenha*, *extrarregular*, *infrassom*, *minissaia*, tal como *biorrítmo*, *biossatélite*, *electrossiderurgia*, *microssistema*, *microrradiografia*.

b) Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente, prática esta em geral já adotada também para os termos tónicos e científicos. Assim: *antiaéreo*, *coeducação*, *extraescolar*, *aeroespacial*, *autoestrada*, *autoaprendizagem*, *agroindustrial*, *hidroelétrico*, *plurianual*.

3.º) Nas formações por sufixação apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *açu*, *guaçu* e *mirim*, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu*, *anajá-mirim*, *andá-açu*, *capim-açu*, *Ceará-Mirim*.

## BASE XVII

### Do hífen na ênclise, na tmese e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na tmese: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos.*

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, há de, não de, etc.*

Obs.: 1. Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, em vez de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*. Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *quê-lo* e *requê-lo* são pouco usadas.

2. Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo, vo-las*, quando em próclise (por ex.: *esperamos que no-lo comprem*).

## BASE XVIII

### Do apóstrofo

1.º) São os seguintes os casos de emprego do apóstrofo:

a) Faz-se uso do apóstrofo para cindir graficamente uma contração ou aglutinação vocábular, quando um elemento ou fração respectiva pertence propriamente a um conjunto vocábular distinto: *d' «Os Lusíadas», d' «Os Sertões»; n' «Os Lusíadas», n' «Os Sertões»; pel' «Os Lusíadas», pel' «Os Sertões»*. Nada obsta, contudo, a que estas escritas sejam substituídas por empregos de preposições integras, se o exigir razão especial de clareza, expressividade ou ênfase: *de «Os Lusíadas», em «Os Lusíadas», por «Os Lusíadas», etc.*

As cisões indicadas são análogas às dissoluções gráficas que se fazem, embora sem emprego do apóstrofo, em combinações da preposição *a* com palavras pertencentes a conjuntos vocabulares imediatos: *a «A Relíquia», a «Os Lusíadas»* (exemplos: *importância atribuída a «A Relíquia»; recorro a «Os Lusíadas»*). Em tais casos, como é óbvio, entende-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a A = à, a Os = aos, etc.*

b) Pode cindir-se por meio do apóstrofo uma contração ou aglutinação vocábular, quando um elemento ou fração respectiva é forma pronominal e se lhe quer dar realce com o uso de maiúscula: *d'Ele, n'Ele, d'Aquele n'Aquele, d'O, n'O, pel'O, m'O, t'O, lh'O*, casos em que a segunda parte, forma masculina, é aplicável a Deus, a Jesus, etc.; *d'Ela, n'Ela, d'Aquela, n'Aquela, d'A, n'A, pel'A, m'A, t'A, lh'A*, casos em que a segunda parte, forma feminina, é aplicável à mãe de Jesus, à Providência, etc. Exemplos frásicos: *confiamos n'O que nos salvou; esse milagre revelou-m'O; está n'Ela a nossa esperança; pugnemos pel'A que é nossa padroeira.*

A semelhança das cisões indicadas, pode dissolver-se graficamente, posto que sem uso do apóstrofo, uma combinação da preposição *a* com uma forma pronominal realçada pela maiúscula: *a O, a Aquele, a Aquela* (entendendo-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a O = ao,*

a *Aquela* = *àquela*, etc.). Exemplos frásicos: *a O que tudo pode*; *a Aquela que nos protege*.

c) Emprega-se o apóstrofo nas ligações das formas *santo* e *santa* a nomes do hagiológico, quando importa representar a elisão das vogais finais *o* e *a*: *Sant'Ana*, *Sant'Iago*, etc. E, pois, correto escrever: *Calçada de Sant'Ana*, *Rua de Sant'Ana*; *culto de Sant'Iago*, *Ordem de Sant'Iago*. Mas, se as ligações deste género, como é o caso destas mesmas *Sant'Ana* e *Sant'Iago*, se tornam perfeitas unidades mórficas, aglutinam-se os dois elementos: *Fulano de Santana*, *ilhéu de Santana*, *Santa de Parnaíba*; *Fulano de Santiago*, *ilha de Santiago*, *Santiago do Cacém*.

Em paralelo com a grafia *Sant'Ana* e congéneres, emprega-se também o apóstrofo nas ligações de duas formas antroponímicas, quando é necessário indicar que na primeira se elide um *o* final: *Nun'Alvares*, *Pedr'Eanes*.

Note-se que nos casos referidos as escritas com apóstrofo, indicativas de elisão, não impedem, de modo algum, as escritas sem apóstrofo: *Santa Ana*, *Nuno Alvares*, *Pedro Alvares*, etc.

d) Emprega-se o apóstrofo para assinalar, no interior de certos compostos, a elisão do *e da* preposição *de*, em combinação com substantivos: *borda-d'água*, *cobra-d'água*, *copo-d'água*, *estrela-d'alva*, *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água*, *pau-d'alho*, *pau-d'arco*, *pau-d'óleo*.

2.º) São os seguintes os casos em que não se usa o apóstrofo:

Não é admissível o uso do apóstrofo nas combinações das preposições *de* e *em* com as formas do artigo definido, com formas pronominais diversas e com formas adverbiais (excetuado o que estabelece nas alíneas 1.º) a) e 1.º) b)). Tais combinações são representadas:

a) Por uma só forma vocabular, se constituem, de modo fixo, uniões perfeitas:

i) *do, da, dos, das, dele, dela, deles, delas; deste, desta, destes, destas, disto; desse, dessa, desses, dessas, disso; daquele, daquela, daqueles, daquelas, daquilo; destoutro, destoutra, destoutros, destoutras; desoutro, dessoutra, dessoutros, dessoutras; daqueloutro, daqueloutra, daqueloutros, daqueloutras; daqui, daí, dali; dacolá; donde; dantes* (= antigamente);

ii) *no, na, nos, nas; nele, nela, neles, nelas; neste, nesta, nestes, nestas, nisto; nesse, nessa, nesses, nessas, nisso; naquele, naquela, naqueles, naquelas, naquilo; nestoutro, nestoutra, nestoutros, nestoutras; nessoutro, nessoutra, nessoutros, nessoutras; naqueloutro, naqueloutra, naqueloutros, naqueloutras; num, numa, nuns, numas; noutro, noutra, noutros, noutras, noutrem; nalgum, nalguma, nalguns, nalgumas, nalguém*.

b) Por uma ou duas formas vocabulares, se não constituem, de modo fixo, uniões perfeitas (apesar de serem correntes com esta feição em algumas pronúncias): *de um, de uma, de uns, de umas, ou dum, duma, duns, dumas; de algum, de alguma, de alguns, de algumas, de alguém, de algo, de algures, de alhures, ou dalgum, dalguma, dalguns, dalgumas, dalguém, dalgo, dalgures, dalhures; de outro, de outra, de outros, de outras, de outrem, de outrora, ou doutro, doutra, doutros, doutras, doutrem, doutrora; de aquém ou daquém; de além ou dalém; de entre ou dentre*.

De acordo com os exemplos deste último tipo, tanto se admite o uso da locução adverbial *de ora avante* como do advérbio que representa a contração dos seus três elementos: *doravante*.

Obs.: Quando a preposição *de* se combina com as formas articulares ou pronominais *o, a, os, as*, ou com quaisquer pronomes ou advérbios começados por vogal, mas acontece estarem essas palavras integradas em construções de infinitivo, não se emprega o apóstrofo, nem se funde a preposição com a forma imediata, escrevendo-se estas duas separadamente: *a fim de ele compreender, apesar de o não ter visto; em virtude de os nossos pais serem bondosos; o facto de o conhecer, por causa de aqui estares*.

## BASE XIX

### Das minúsculas e maiúsculas

1.º) A letra minúscula inicial é usada:

- a) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua nos usos correntes.
- b) Nos nomes dos dias, meses, estações do ano: *segunda-feira; outubro; primavera*.
- c) Nos bibliónimos (após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos, podem ser escritos com maiúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo): *O Senhor do Paço de Ninães* ou *O senhor do paço de Ninães*, *Menino de Engenho* ou *Menino de engenho*, *Árvore e Tambor* ou *Árvore e tambor*.
- d) Nos usos de *fulano, sicrano, beltrano*.
- e) Nos pontos cardeais (mas não nas suas abreviaturas); *norte, sul* (mas: SW sudoeste).
- f) Nos axiónimos e hagiónimos (opcionalmente, neste caso, também com maiúscula): *senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo; santa Filomena* (ou *Santa Filomena*).
- g) Nos nomes de disciplinas e de curso (opcionalmente, também com maiúscula): *português* (ou *Português*), *matemática* (ou *Matemática*); *línguas e literaturas modernas* (ou *Línguas e Literaturas Modernas*).

2.º) A letra maiúscula inicial é usada:

- a) Nos antropónimos, reais ou fictícios: *Pedro Marques; Branca de Neve, D. Quixote*.
- b) Nos topónimos, reais ou fictícios: *Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro; Disneylândia*.
- c) Nos nomes de seres antropomorfizados ou mitológicos: *Adamastor; Nepturno*.
- d) Nos intitulativos institucionais: *Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social*.

e) Nos nomes de festas e festividades: *Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos*.

f) Nos títulos de periódicos, que retêm o grifo: *O Primeiro de Janeiro, O Estado de São Paulo* (ou *S. Paulo*).

g) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente: *Nordeste*, por nordeste do Brasil, *Norte*, por norte do Brasil, *Meio Dia*, pelo sul da França ou de outros países, *Ocidente*, por ocidente europeu, *Oriente*, por oriente asiático.

h) Nos nomes que designam domínios do saber, quando tomados em sentido absoluto como aequivalentes assim a nomes próprios: *a Linguística, a Matemática, a Medicina*.

i) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: *FAO, NATO, ONU; H<sub>2</sub>O; Sr., V. Ex.<sup>a</sup>*.

j) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: (*rua* ou *Rua da Liberdade, largo* ou *Largo dos Leões*), de templos (*igreja* ou *Igreja do Bonfim, templo* ou *Templo do Apostolado Positivista*), de edifícios (*palácio* ou *Palácio da Cultura, edifício* ou *Edifício Azevedo Cunha*).

*Obs.:* As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, providas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica, etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

## BASE XX

### Da divisão silábica

A divisão silábica, que em regra se faz pela soletração (*a-ba-de, bru-ma, ca-cho, lha-no, ma-lha, ma-nha, má-xi-mo, ó-xi-do, ro-xo, tme-se*), e na qual, por isso, se não tem de atender aos elementos constitutivos dos vocábulos segundo a etimologia (*a-ba-li-e-nar, bi-sa-vó, de-sa-pa-re-cer, di-sú-ri-co, e-xâ-ni-me, hi-pe-ra-cú-stico, i-ná-bíl, o-bo-val, su-bo-cu-lar, su-pe-rá-ci-do*), obedece a vários preceitos particulares, que rigorosamente cumpre seguir, quando se tem de fazer em fim de linha, mediante o emprego do hífen, a partição de uma palavra:

1.º) São indivisíveis no interior de palavra, tal como inicialmente, e formam, portanto, sílaba para a frente as sucessões de duas consoantes que constituem perfeitos grupos, ou sejam (com exceção apenas de vários compostos cujos prefixos terminam em *b*, ou *d*: *ab-legação, ad-ligar, sub-lunar*, etc., em vez de *a-blegação, a-dligar, su-blunar*, etc.) aquelas sucessões em que a primeira consoante é uma labial, uma gutural, uma dental ou uma labiodental e a segunda um *l* ou um *r*: *a-blução, cele-brar, du-plicação, re-primir, a-clamar, de-creto, de-glutição, re-grado; a-ilético, cáte-dra, períme-tro; a-fluir, a-fricano, ne-vrose*.

2.º) São divisíveis no interior da palavra as sucessões de duas consoantes que não constituem propriamente grupos e igualmente as sucessões de uma ressonância nasal e uma consoante: *ab-dicar, Ed-gardo, op-tar, sub-por, ab-soluto, ad-jetivo, af-ta, bet-samita, ip-silon, ob-viar, des-cer, dis-ciplina, flores-cer, nas-cer, res-cisão; ac-ne, ad-mirável, Daf-ne, diafrag-ma, drac-ma, ét-nico, rit-mo, sub-meter, am-nésio, interam-nense; bir-reme, cor-roer, pror-rogar; as-segurar, bis-secular, sos-segar, bissex-to, contex-to, ex-citar, atroz-mente, capaz-mente, infeliz-mente; am-biçã, desen-ganar, en-xame, man-chu, Mân-lio, etc.*

3.º) As sucessões de mais de duas consoantes ou de uma ressonância nasal e duas ou mais consoantes são divisíveis por um de dois meios: se nelas entra um dos grupos que são indivisíveis (de acordo com o preceito 1.º), esse grupo forma sílaba para diante, ficando a consoante ou consoantes que o precedem ligadas à sílaba anterior; se nelas não entra nenhum desses grupos, a divisão dá-se sempre antes da última consoante. Exemplos dos dois casos: *cam-braia, ec-lipse em-blema, ex-plicar, in-cluir ins-crição, subs-crever, trans-gredir, abs-tenção, disp-neia, inters-telar, lamb-dacismo, sols-ticial, Terp-sícore, tungs-ténio.*

4.º) As vogais consecutivas que não pertencem a ditongos decrescentes (as que pertencem a ditongos deste tipo nunca se separam: *ai-roso, cadei-ra, insti-tui, ora-ção, sacris-tões, traves-sões*) podem, se a primeira delas não é *u* precedido de *g* ou *q*, e mesmo que sejam iguais, separar-se na escrita: *ala-úde, áre-as, ca-apeba, co-ordenar, do-er, flu-idez, perdo-as, vo-os*. O mesmo se aplica aos casos de contiguidade de ditongos, iguais ou diferentes, ou de ditongos e vogais: *caí-ais, cai-eis, ensai-os, flu-íu.*

5.º) Os digramas *gu* e *qu*, em que o *u* se não pronuncia, nunca se separam da vogal ou ditongo imediato (*ne-gue, ne-guei; pe-que, pe-quei*), do mesmo modo que as combinações *gu* e *qu* em que o *u* se pronuncia: *á-gua, ambi-guo, averi-gueis; longín-quos, lo-quaz, quais-quer.*

6.º) Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata: *ex-alferes, serená-los-emos* ou *vice-almirante.*

## BASE XXI

### Das assinaturas e firmas

Para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume ou registo legal, adote na assinatura do seu nome.

Com o mesmo fim, pode manter-se a grafia original de quaisquer firmas comerciais, nomes de sociedades, marcas e títulos que estejam inscritos em registo público.